



“Perversão essa nossa (des)conhecida”¹: uma leitura psicanalítica das perversões em Sade

The (un)known perversion”: a psychoanalytic reading of Sade on perversions

Cintia Ribelato Longhini^[a], Cléa Maria Lopes Ballão^[b]

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo examinar o entendimento freudiano acerca das perversões, bem como de autores contemporâneos, como Roudinesco e Ferraz, por meio dos principais escritos que abarcam essa temática, questionando onde começa a perversão e quem são os perversos. Visa, também, discutir algumas das perversões relatadas no livro *Os 120 dias de Sodoma* ou a escola da libertinagem de Marquês de Sade, principalmente no que se refere ao fetichismo, a partir do viés psicanalítico. Acreditando na importância da relação entre psicanálise e a literatura, configuramos este estudo como qualitativo, que segue as orientações de uma pesquisa teórica psicanalítica e avança para uma análise de orientação também psicanalítica. Desta forma, podemos perceber nesta trajetória a dedicação freudiana no enfoque da diversidade da meta sexual que outrora foi chamada de aberração, e podemos aproximar as manifestações perversas à condição humana, a parte obscura de nós mesmos.

Palavras-chave: Freud. Perversão. Psicanálise. Sade..

Abstract

*This paper is aimed to examine the Freudian understanding about perversions, as well as contemporary authors, such as Roudinesco and Ferraz, through the major writings that include this topic, asking where start the perversion and who are the perverted. It also aims to discuss some of the perversions related in the book *The 120 days of Sodom, or the school of the libertinism* written by Marquis de Sade, mainly in relation to fetishism and based on a psychoanalytic approach. Believing in the importance of the relationship between Psychoanalysis and literature, this was a qualitative study that followed a psychoanalytic theoretical research and an analysis of psychotherapy. Thus, we can see, on this trajectory, the Freudian dedication on the diversity of sexual goal, which was once called aberration, and we can approximate the perverse manifestations to human conditions, the dark side of ourselves.*

Keywords: Freud. Perversion. Psychoanalysis. Sade.

^[a] Graduanda de Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Irati, PR - Brasil, e-mail: cintialonghini@gmail.com

^[b] Mestre em Psicologia, professora de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Irati, PR - Brasil, e-mail: clea.ballao@uol.com.br

^[1] Inspirado no título do livro *Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida* de Marilena Chauí.

Recebido: 04/09/2012
Received: 09/04/2012

Aprovado: 16/10/2012
Approved: 10/16/2012

Introdução

A perversão sempre foi uma temática polêmica, principalmente quando tratamos da gênese de sua definição. Segundo Pires e Bicalho (2011), ela deriva do verbo latino *pervertere* e significa tornar-se perverso, corromper, desmoralizar, depravar. De acordo com esses autores, seu emprego não é privilégio da psicanálise, pois a palavra perversão tem sua origem datada em 1444 quando o termo foi utilizado como “retornar” ou “reverter”, ganhando cedo a acepção de deplorável, ou ainda, algo desprezível. No século XIX, a sexologia utilizou este vocábulo como desvio sexual. Na mesma perspectiva, a psiquiatria francesa sacramentou seu uso enquanto sinônimo de anomalia ou aberrações, prevalecendo a partir do século XX como termo ilustrativo de certos desvios sexuais. Segundo Ferraz (2000), a etapa final da aventura semântica desta palavra se deu com sua conexão definitiva à sexualidade e, assim, se conservou – basta dizermos “perversão” para imaginarmos algum desvio sexual. Mas será que podemos pensar a perversão somente relacionada a algum desvio sexual?

Com o advento da psicanálise, Freud (1996/1905) foi introduzindo ao termo “perversão” algumas alterações relacionadas ao seu significado. Neste contexto, diante de um interesse de melhor conhecer e compreender a teoria psicanalítica referente à temática das perversões e, também, por se tratar ainda de um campo de grandes discussões em Psicologia, é que nos prestamos a pensar e analisar o assunto.

O presente estudo advém do trabalho de conclusão de curso em Psicologia e teve por objetivo discutir algumas das perversões relatadas no livro *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem* de Marquês de Sade (2008), principalmente em relação ao fetichismo, a partir do viés Psicanalítico. Visa, também, examinar o entendimento freudiano acerca das perversões nos seus principais textos que abordam a temática e de autores contemporâneos, como Roudinesco (2008) e Ferraz (2000), questionando onde começa a perversão e quem são os perversos. Passamos agora a uma breve contextualização da obra e, posteriormente, à teoria das perversões freudiana.

Os 120 Dias de Sodoma ou a escola da libertinagem: uma Contextualização da obra

“a narrativa mais impura já escrita desde que o mundo existe”
(Sade, 2008, p. 9)

O réu Donatien Alphonse François, ou mais comumente, Marquês de Sade, nasceu no ano de 1740 em Paris e viveu durante um dos períodos mais tumultuados da história da França. Ficou conhecido pela palavra cuja criação foi inspirada nele, o sadismo, que se refere aos prazeres sexuais derivados da dor. Porém, consideramos Sade para além de um desviante das normas. Ele foi um escritor que ficou no manicômio de Charenton durante 27 anos pelo crime de escrever sobre o lado negro do ser humano, ou melhor, sobre a condição humana. No entanto, segundo Pereira (2010), ele passou os últimos anos de sua vida em um asilo.

De acordo com sua filosofia alternativa, escrita durante o período que esteve recluso, nenhum deus, moralidade, afeição e esperança deveriam existir, apenas a extinção humana em um delírio erótico terminal. O homicídio, a sodomia, o incesto, entre outros fenômenos seriam os meios capazes para a obtenção desse fim (Pereira, 2010).

A obra aqui analisada *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem* (2008) foi escrita no período anterior à Revolução Francesa, e o que encontramos nos estudos que a abordam diz que Sade terminou a cópia do manuscrito na Bastilha em 1785. O livro é dividido em quatro partes, cabendo a cada uma delas, a descrição de 150 perversões, em uma linha de progressão libertina que culmina na formação do espírito libertino. Contudo, o livro ficou incompleto, pois Sade (2008) terminou apenas a Introdução e a Primeira Parte, deixando as três restantes na forma de notas, fato que se deve à perda de sua obra em julho de 1789, com a invasão da Bastilha. Desta maneira, o Marquês durante toda sua vida o teve como perdido, sendo que sua recuperação só se deu no início do século XX e sua publicação editada de maneira fiel somente na década de 1930 (Bercht, 2009). Também sobre esta obra, encontramos o filme *Saló ou os 120 dias de Sodoma*, dirigido pelo italiano Pier Paolo Pasolini no ano de 1976, que não será discutido neste trabalho.

Segundo Bercht (2009), durante todo o século XVIII vemos uma clara conexão entre os escritos

pornográficos e os escritos políticos. Assim, a autora coloca que quase todas as obras pornográficas do período incorporam elementos que tendem não à crítica aberta, mas à sátira da situação política e social do momento. O livro de Sade (2008) não foge desta sátira, visto que há uma constante referência à libertinagem de padres e da aristocracia.

Podemos dizer, então, que Sade se encontra em um cenário marcado por um racionalismo do pensamento materialista, que tem por proposta fazer jus ao ateísmo, ao combate a Deus e à religião, principalmente em relação às autoridades religiosas e grandes instituições, como descreve Borges (*In: Sade, 2008*), em frontal combate a todas as instituições humanas.

Realizada esta prévia, a narrativa de Sade (2008) se passa no castelo de Silling, em Paris. Ali se reúnem um juiz, um nobre, um político e um padre, por 120 dias, com um grupo de prostitutas que narram paixões obscenas, 16 jovens virgens e belos, 8 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, e menores de idade – este é um dos requisitos principais para a seleção/captura desses jovens –, suas esposas e 4 aias para lecionarem alguns ensinamentos voluptuosos a esses jovens. Na obra, o autor narra detalhadamente as características físicas dos integrantes desse encontro e, ainda, como ocorreu a seleção para a captura desses jovens. No entanto, ninguém melhor para apresentar sua obra aos leitores do que o próprio autor. Nas palavras de Sade (2008, p. 9):

Cento e vinte dias, seiscentas paixões. Quatro meses de libertinagem, quatro classes de vícios. A cada dia, cinco modalidades, somando cento e cinquenta por mês. Para dar conta dessas cifras, uma comitiva formada por quarenta e seis pessoas, distribuídas em oito categorias distintas, das quais sete pertencem à classe dos súditos. Oito meninos, oito meninas e oito fodehores. Quatro criadas e seis cozinheiras. Quatro esposas. Quatro narradoras. Por fim, na classe dos senhores, os quatro libertinos que sempre merecem designação individualizada: Curval, Durcet, Blagis e o Bispo.

O livro aborda na primeira parte as paixões simples ou de primeira classe. Na segunda parte discorre sobre as paixões de segunda classe ou duplas, na terceira parte descreve paixões de terceira classe ou criminosas, e na quarta parte expõe as paixões assassinas ou de quarta classe. Nestas sessões estão

descritas os 120 dias transcorridos do encontro. Cada dia uma prostituta narra uma história diferente, sendo que os episódios são cuidadosamente escalonados em um crescendo de perversão, maldade, violência e terror, os quais são protagonizados, na maioria das vezes, pelos quatro libertinos. As primeiras histórias, as paixões simples, não envolvem penetração, mas há a descrição de relações eróticas com excrementos humanos e com grandes líderes religiosos. Nas últimas, são reveladas as paixões assassinas, invariavelmente ações que envolvem tortura, mutilação e morte como o elemento erótico do texto.

Foi a partir das principais perversões disposta na obra *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem* (2008) que buscamos fazer a discussão pelo viés psicanalítico referente à temática. Além de podermos reconhecer por meio dela a riqueza de relacionar a psicanálise com a arte, proposta por Sampaio (2011).

Metodologia

Salientamos que o presente trabalho é fruto do conhecimento construído no momento atual pela pesquisadora, que ora inicia os primeiros passos de sua trajetória tanto na teoria psicanalítica quanto na metodologia de pesquisa, podendo este conhecimento sofrer alterações futuramente. Gostaríamos de esclarecer, ainda, que este estudo não tratou de um esboço da psicobiografia de Sade ou de tentar incluí-lo em alguma categoria diagnóstica. Ao contrário, a pretensão foi discutirmos a teoria da perversão elaborada por Freud por meio da obra *Os 120 Dias de Sodoma*, buscando compreender manifestações ou traços perversos da condição humana.

Desta maneira, configuramos este trabalho como uma pesquisa qualitativa que realizou um estudo seguido por um recorte das principais obras de Freud acerca da teoria das perversões e uma análise de orientação psicanalítica, ou seja, uma leitura norteada pela psicanálise – a partir da teoria das perversões e autores contemporâneos – da obra literária de Sade (2008). Além disso, concordamos com Freud (1996/1923) quando coloca que a psicanálise é uma teoria, um método de pesquisa da experiência humana e, ainda, um recurso de tratamento.

Devemos lembrar, também, que Freud (1996/1919a) em seu artigo intitulado *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*, discute a importância do diálogo entre a psicanálise e a universidade, reconhecendo a relevância da utilização do conhecimento psicanalítico na formação de profissionais de saúde e do saber das ciências humanas. Neste momento, a psicanálise passa a ser pensada não somente na prática clínica, cujo lugar é o consultório.

Por essa razão, apostamos neste trabalho, pois Mezan (*In: SILVA, 1993*) declara que “pesquisa em psicanálise parte do singular, tenta apreender as determinações dessa singularidade e visa extrair dela a dimensão universal que, por sua própria natureza, ela contém” (p. 89). Acreditamos que a cada sujeito, uma nova psicanálise, por isso, a pesquisa teórica em psicanálise deve ser reconhecida, visto que para Garcia-Roza (*apud NETO; MORREIRA, 2010*), ela é a única modalidade possível da pesquisa acadêmica neste contexto. Ele confia aos objetivos da pesquisa teórica o de submeter à teoria psicanalítica a uma análise crítica com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos e as condições de sua possibilidade, aprimorando suas teorias.

Para o desenvolvimento desta pesquisa percorremos as seguintes etapas: primeiramente foi realizada uma leitura da obra de Sade (2008) para estabelecer um contato inicial com o nosso objeto de estudo¹. Em seguida foi feita uma segunda leitura norteada pela teoria psicanalítica e pelos principais conceitos presentes nos textos, aqui referidos, de Freud e autores contemporâneos para a fixação do tema e para uma aproximação maior do referencial teórico com a análise de orientação psicanalítica. Em conjunto com este segundo passo, entrou o terceiro que é o de uma anotação metódica de como as informações constitutivas da obra foram trabalhadas para integrar a estrutura global, ou seja, entramos no campo de uma leitura reflexiva e, portanto, partimos nossa análise.

¹ Esta leitura foi desprovida de um saber prévio referente à temática, ou melhor, da teoria das perversões freudiana, pois, segundo Silva (1993), este conhecimento “pode servir como uma forma de resistência para o inconsciente” (p. 21).

A análise de orientação psicanalítica contemplou o seguinte elemento presente na literatura sadiana, a saber, a redução dos sujeitos a coisas ou objetos.

Desta forma e amparados pela célebre afirmação de Sampaio (2006), “apostamos, neste aspecto, que a psicanálise tenha algo a dizer quando interroga ou é interrogada pela cultura, pelas artes, pelos movimentos socioculturais” (p. 10), que selecionamos os episódios significativos à questão que nos propusemos a pensar e analisar e, a partir do aparato teórico construído neste trabalho, chegamos à compreensão das perversões como havíamos objetivado inicialmente. Passamos agora à teoria das perversões em Freud.

Freud e a perversão: o início de uma teoria

Na literatura freudiana encontramos a palavra perversão pela primeira vez no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905. Neste texto, o autor trata a perversão como desvio da conduta sexual que não visa à genitalidade. Para ele, toda criança, ao se autossatisfazer sexualmente poderia ser considerada perversa polimorfa. A utilização deste termo foi atribuída, principalmente, por se referir a uma sexualidade marcada por diversas formas de satisfação e por ser caracterizada inicialmente como autoerótica. Da mesma maneira, no adulto o termo era restrito ao comportamento homossexual, sadomasoquista, fetichista, entre outras modalidades de cópula que não se orientavam pela penetração peniano-vaginal.

Porém, ao falarmos de perversão a partir da psicanálise, não podemos deixar de esclarecer uma diferença fundamental proposta por Freud (1996/1905) entre sexualidade e genitalidade, especialmente por causar polêmicas ao falar que as crianças eram dotadas de uma sexualidade peculiar, enquanto aos olhos dos adultos eram consideradas assexuadas. Segundo o autor, o conceito da genitalidade estaria relacionado ao próprio ato sexual, ou seja, seria uma modalidade de cópula que se orienta pela penetração peniano-vaginal. E quando nos referimos à sexualidade, estamos falando do desenvolvimento psicosexual da criança em relação a uma pulsão sexual autoerótica.

No primeiro momento de construção teórica freudiana, então, a perversão designava a qualidade da sexualidade infantil, na qual prevalecem as

pulsões anárquicas e desorganizadas. A atividade sexual habitualmente praticada pelas crianças, caracterizada como perversa polimorfa, foi universalizada e tomada como o solo em que se constitui a própria sexualidade adulta, através do recalque de certos componentes. Apoiado neste pressuposto, Freud (1996/1905) inicialmente localizou a etiologia da perversão sexual no adulto, na fixação em uma pulsão parcial especialmente intensa que, por isso mesmo, teria escapado do recalque. Daí o célebre axioma de que a perversão é o negativo da neurose. Por esse caminho, Freud (1996/1905) emprega a perversão como uma forma de conduta sexual em que as fantasias ligadas à sexualidade pré-genital eram atuadas e não mantidas sob recalque.

Retomando a célebre máxima de que a perversão é o negativo da neurose podemos dizer que, no caso da patologia neurótica, a recusa se caracteriza pelo recalque (*Verdrängung*) do desejo durante o complexo de Édipo. A somatização de conversão histérica, por exemplo, está ligada a um desejo sexual que não foi satisfeito pelas vias normais. Já na patologia psicótica, há uma rejeição (*Verwerfung*) da realidade e do complexo de Édipo. Os delírios, alucinações e depressões são uma tentativa frustrada de dar sentido e lógica a uma visão de mundo particular (Freud, 1996/1905). E na perversão, como veremos, inicialmente, achava-se que ela se caracterizava pelo escape do recalque.

Freud (1996/1905) investiga o caso por meio da denominação inicial "aberração sexual" que foi, posteriormente, chamada de "perversão". Estaria relacionada à aberração da pulsão sexual, tanto com respeito a seu objeto quanto ao seu alvo. O autor questiona, também, sua origem em duas vertentes: se elas provêm de uma disposição inata ou são adquiridas como resultado das influências da vida. Não podemos deixar de esclarecer que Freud (1996/1905) chama de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele. Todavia, Freud (1996/1905), tempos depois, trabalhou na tentativa pertinente de aproximar o patológico do normal, por isso, sua dedicação ao enfoque da diversidade da meta sexual.

Percorrendo um pouco mais o ensaio freudiano podemos observar que o pai da psicanálise considerava como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão

sexual. Continuando sua concepção inicial, mesmo no processo sexual mais normal, ele entendia os elementos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões, e traz como exemplo o beijo. Segundo Freud (1996/1905), em muitos povos o beijo tem um elevado valor sexual, apesar das partes do corpo nele implicadas não pertencerem ao aparelho sexual, mas serem consideradas alvos preliminares. Portanto, este é um exemplo dos fatores que permitem ligar as perversões à vida sexual normal. Assim, para o autor, "as perversões são ou transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual" (Freud, 1996/1905, p. 142), e que normalmente seriam atravessadas com rapidez no ato sexual propriamente dito.

Quanto às transgressões anatômicas citadas anteriormente, podemos ainda citar sua crença de que o uso da boca como órgão sexual é considerado como perversão, quando os lábios/língua de uma pessoa entram em contato com a genitália da outra, mas não quando ambas colocam em contato a mucosa labial. Freud (1996/1905) ainda escreve sobre a significação de outras partes do corpo como genitais ou como podemos tratar da substituição imprópria do objeto sexual tomado pela supervalorização sexual, o chamado fetichismo. Embora o autor tenha feito referência ao fetichismo já no artigo de 1905, foi somente em 1927 que se dedicou a fazer maiores esclarecimentos sobre tal fenômeno, que será abordado na sequência. Passamos agora a examinar o texto sobre o fetichismo, e posteriormente, a análise da obra sadiana.

Fetichismo: prazer ou uma defesa do sujeito?

Em seu texto *Três Ensaio*s, Freud (1996/1905) caracteriza o fetichismo como o substituto do objeto sexual que é geralmente uma parte do corpo, como por exemplo, os pés, cabelos, pescoço, entre outros, não comumente utilizados para fins sexuais, ou então, um objeto inanimado que mantém uma relação associativa com as pessoas a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela, um artigo de vestuário, uma peça íntima, entre outros. Assim, ele acredita que a substituição do objeto sexual se torna uma aberração quando o anseio pelo fetiche se fixa e se coloca no lugar do alvo sexual normal, ou

ainda quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual (Freud, 1996/1905).

Por uma perspectiva simbólica, o mesmo autor descreve-o em seu texto *Fetichismo* (1996/1927), como um substituto de um pênis específico e especial, que foi importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Segundo ele, isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado. Em suas palavras, “o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção” (FREUD, 1996/1927, p. 155). Desta maneira, “para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar” (Freud, 1996/1927, p. 155).

Essa lógica aponta para o fato de o menino se recusar a tomar conhecimento de ter percebido que a mulher não tem um pênis; assim, se uma mulher tinha sido castrada, “então sua própria posse de um pênis estava em perigo” (Freud, 1996/1927, p. 156). Freud (1996/1927) explana essa recusa, afirmando que não é verdade que depois de a criança fazer a sua observação tenha conservado sua crença de que as mulheres possuem um falo. Ele propõe que a criança teve essa percepção, mas abandonou-a então no “conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo” (Freud, 1996/1927, p. 156), como o descreve. Ela chega a um compromisso sob domínio das leis do inconsciente, no qual a mulher teve um pênis, mas esse não é mais o mesmo de outrora.

Em relação ao desenvolvimento da equivalência simbólica estabelecida por Freud (1996/1927) entre o fetiche e o pênis da mãe, apresentando a recusa como o mecanismo psíquico operador desta equação, o autor localiza a organização psíquica perversa como uma forma de se posicionar em relação ao complexo de Édipo, para evitar a angústia de castração, ou melhor, seria um posicionamento defensivo pela reluta do menino em aceitar a ameaça de ser castrado. Contra esta, o sujeito pode reagir contrafobicamente, recusando-a por meio da instituição do fetiche, símbolo do pênis da mãe. Assim, o menino elimina a diferença sexual, e igualmente a falta. Ademais, destrói a prova da possibilidade de castração, fato que neutraliza a angústia, tendo como função subjetiva preservar a crença no pênis da mãe (Freud, 1996/1927).

No entanto, pensar sobre este mecanismo nos leva à questão de como é possível reconhecer e negar, simultaneamente, a realidade de castração? Ferraz (2000) trabalha este questionamento, dizendo que para que esta contradição seja mantida, deverá ocorrer uma divisão do ego, com duas atitudes psíquicas antagônicas: uma atitude que se ajusta ao desejo e outra que se ajusta à realidade. Segundo o autor, o funcionamento delas “só pode se manter se houver uma alteração no ego, já que uma parte deste deverá desligar-se de um fragmento da realidade, ou seja, da castração” (Ferraz, 2000, p. 34).

Percorrendo um pouco mais a literatura freudiana sobre o fetichismo, podemos dizer que os órgãos ou objetos escolhidos como substitutos para o pênis ausente da mulher aparecem como símbolos do falo também em outros aspectos – não como fatores decisivos, mas podem acontecer. Assim, Freud (1996/1927, p. 157) afirma que, quando o fetiche é instituído, acontece um “processo que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática (...) é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche”.

Por este caminho, podemos ressaltar que Freud (1996/1927) deixa claro que a recusa do perverso não deve ser confundida com uma manobra psicótica, pois o perverso não tem uma percepção alterada da realidade. O autor ainda esclarece no seu texto *Fetichismo* (1996/1927) que na neurose o ego está a serviço da realidade e reprime um fragmento do id. Já na psicose o ego é controlado pelo id, desligando-se de um fragmento da realidade.

A perversão de cada um de nós²: uma leitura psicanalítica das perversões em Sade

Começamos nossa discussão com uma pergunta que Hemingway (apud Saudenonet, 2011) costumava fazer aos leitores, se eles sabiam o que é um clássico? A resposta elaborada por ele era a seguinte: “Um livro do qual todos falam e ninguém lê”, ou seja, obras que são muito discutidas e pouco lidas.

Nesta trajetória, não podemos deixar de pensar na obra de Sade (2008) e também de nos questionar sobre por que nos causa tanta náusea e é pouco lida,

² Subtítulo inspirado no título do texto *A perversão nossa de cada dia* de Miguel Marques (2011).

e ainda, que não são todas as pessoas que tem “estômago”, para usar o sentido figurado do termo, para ler Sade. Será que estes fatos nos angustiam por não sabermos onde começa a perversão e quem são os perversos? Roudinesco (2008), no seu livro *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*, responde a este questionamento afirmando que os “perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cesamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos” (p. 13). Podemos, então, pensar que esta repugnância ou desconforto que sentimos ao ler Sade (2008) pode ser o reforço ao recalçamento? Os perversos são uma parte de nós mesmos? Ou ainda, a parte obscura habitou ou habita em nós como afirma Roudinesco (2008)?

Refletindo sobre essas questões, lembramos do texto freudiano que discute o destino de Édipo. Em seu livro dos sonhos, Freud (1996/1900) afirma que o destino de Édipo é vivido por todos nós. Segundo ele (p. 289),

Se Oedipus Rex comove um auditório moderno não menos que o grego da época, a explicação somente pode ser no sentido de que seu efeito não está no contraste entre o destino e a vontade humana, mas que deve ser procurado na natureza particular do material sobre o qual aquele contraste é exemplificado. Deve haver algo que torna uma voz dentro de nós pronta a reconhecer a força compulsiva do destino de Oedipus (...) se o destino de Oedipus nos comove é somente porque poderia ser o nosso – porque o oráculo lançou a mesma praga sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele (...) Ali está alguém em que esses desejos primevos de nossa infância foram realizados, e deles recuamos com toda a força do recalçamento pelo qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós. Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados. O contraste com que nos confronta o coro final³.

Em relação a Sade, pensamos que esta leitura freudiana nos permite retirá-lo da literatura maldita, dos tratados judiciários, da psiquiatria e aproximá-lo de todos nós, da condição humana e dos seus prazeres elementares, não como uma única finalidade, compulsiva e estereotipada, mas como um componente essencial, ainda que parcial, de nossa vida psíquica. Neste cenário, concordamos com Saudenonet (2011), quando coloca que o que nos distingue de qualquer personagem de Sade e dele próprio é, fundamentalmente, uma questão de quantidade e não de qualidade.

Por esse caminho é que podemos pensar no axioma de que a perversão é o negativo da neurose, utilizado por Freud (1996/1905) em *Três Ensaio*, e a questão do reforço ao recalçamento proposta inicialmente neste subtítulo, pois estamos tratando de desejos recalçados pelos neuróticos, diferentemente da recusa do recalque, como acontece na perversão, na qual o sujeito realiza o seu desejo. No mesmo ponto de vista, Ferraz (2000, p. 25) comenta a máxima, dizendo que “o perverso seria tudo aquilo que o neurótico almeja ser mas não encontra permissão para tal”. Porém, quando falamos do reforço ao recalçamento, nos referimos ao fato de que o neurótico afirma para si, diante de um espanto ao ato perverso, por exemplo, “que nunca faria aquilo”, “que é algo absurdo”. Sobre esta questão, Freud (1996/1900) discute o avanço do recalçamento na vida emocional da espécie humana, pois, segundo ele, no Édipo a fantasia infantil imaginária é exposta e realizada, e nos neuróticos ela permanece recalçada e só podemos saber da sua existência através de suas consequências inibidoras.

Diante deste panorama, compartilhamos a ideia de Roudinesco (2008) e de Stoller (apud FERRAZ, 2000) quando colocam que a perversão é uma necessidade social, pois, ao mesmo tempo em que preserva a norma, assegura à espécie humana a subsistência de seus prazeres e transgressões. Acerca dessa temática, o psiquiatra e psicanalista norte-americano, afirma ainda que, para manter a moral sexual social, é preciso que se crie uma categoria na qual se enquadrem os desviantes. “Tal separação estaria a serviço da própria ‘normalidade’ heterossexual e

³ “Ó cidadãos de Tebas, pátria nossa! Vede bem Édipo, decifrador dos terríveis enigmas! Quem não invejava a sorte de tão poderoso homem? E agora vede em que abismo de desgraça submergiu! Por isso, não tenhamos por feliz

homem algum, até que tenha alcançado, sem conhecer doloroso destino, o último de seus dias” (Sófocles, 2003, p. 77).

do imperativo da procriação” (Stoller apud Ferraz, 2000, p. 53). Neste sentido, discutimos alguns fatos que nos chamaram a atenção na obra de Sade (2008), apontando para o questionamento da historiadora e psicanalista: “Que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios – isto é, perversos – aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?” (Roudinesco, 2008, p.13).

Será que nos reconhecemos enquanto indivíduos que carregam traços perversos? Como percebemos o sujeito perverso? Podemos pensar em barreiras classificadoras limitadas ao perverso? Estas são questões que formulamos a título de construção do pensamento acerca das perversões, mas que fogem do escopo do presente, razão pela qual serão deixadas de lado.

Sade e as perversões: análise e discussões

Feita esta introdução, podemos iniciar nossos apontamentos da narrativa. No entanto, sem deixar de refletir que esses elementos não estão distantes da nossa vida psíquica e que um dia estiveram presentes em nossas fantasias infantis.

Redução dos sujeitos a coisas ou objetos

Um elemento importante que podemos inserir em nossa discussão é o isolamento do encontro na narração, este que nos parece fundamental para a criação da microssociedade no castelo Silling. Sobre esta sociedade, notamos a afirmação de uma soberania e da consequente negação do outro, tratando-se de um sistema complexo e rígido. Desta maneira, Sade (2008) remete aos desejos como ilimitados e lançados ao infinito, recusando a existência do sentimento amoroso e demonstrando uma indiferenciação entre os sujeitos. O que ele propõe é a substituição de uns pelos outros e o intento combinatório – vocabulário utilizado por Moraes (*In*: SADE, 2008). No mesmo entendimento, podemos notar no decorrer da literatura sadiana a clara redução dos corpos a partes sexuais e dos encontros sexuais às suas possibilidades de combinação.

Neste viés, pensamos que a redução dos corpos a partes sexuais observada na obra sadiana pode ser identificada com traços fetichistas. Nos *Três Ensaios*, Freud (1996/1905) caracteriza o fetichismo como

o substituto do objeto sexual, que é geralmente uma parte do corpo não comumente utilizado para fins sexuais, ou então, um objeto inanimado que mantém uma relação associativa com as pessoas a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela. Desta maneira, o pai da psicanálise acredita que a substituição do objeto sexual se torna uma aberração quando o anseio pelo fetiche se fixa e se coloca no lugar do alvo sexual normal, ou ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual (Freud, 1996/1905), perdendo a noção de sujeito e passando a um simples objeto de anseio sexual. Esses traços podem ser observados na obra, especialmente quando as narradoras contam os rituais exigidos pelos seus clientes durante suas vivências em casas de prostituição, e também detalhadamente na Terceira e Quarta partes do livro, nas quais o narrador descreve os cenários e os cerimoniais que envolvem as mutilações, torturas e mortes dos jovens capturados.

Neste ponto, podemos retomar a temática das transgressões para nossa discussão em relação à redução dos sujeitos a coisas ou objetos. Compartilhamos a proposição de Roudinesco (2008) quanto à transgressão da diferença dos sexos e a transgressão da ordem da reprodução referente ao ato de Sodoma, presente na obra inteira de Sade (2008). Segundo ela (p. 50), essas transgressões “diluem as fronteiras da diferença entre os sexos”, contrariando, a época cristã, na qual o sexo tinha a função unicamente de procriação. Outro fato que nos chamou a atenção são as “copulações múltiplas que impeçam qualquer possibilidade de identificação de um pai” (p. 52). Estes são elementos da narrativa sadiana que se referem à indiferenciação entre os sujeitos e, consequentemente, a uma redução dos corpos a objetos de prazer dos personagens de Sade (2008). É neste sentido que Stoller (apud FERRAZ, 2000) discute sobre a hostilidade em relação ao objeto realizado pelo perverso, com a qual haveria um trabalho de construção da fantasia a ser encenada por este sujeito, tendo por consequência necessária a desumanização do objeto sexual, encarado como descartável.

Sobre a descrição dos cenários e os cerimoniais dos atos, ou ainda dos rituais exigidos pelos clientes das narradoras durante suas vivências em casas de prostituição presentes na obra de Sade (2008), Ferraz (2000) pensa na ideia da montagem da cena do perverso, dizendo que não visa somente à recusa a castração, mas, sobretudo, à manutenção da

identidade sexual ameaçada. Dessa forma, o autor nos coloca que "o ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda da identidade" (Ferraz, 2000, p. 67).

Mas por que pensamos as práticas do perverso como estereotipadas e compulsivas? Segundo Ferraz (2000), podemos pensá-las desta forma devido ao modo como elas se colocam no sujeito, e em como ele constrói essa defesa, ou seja, estamos tratando agora de uma necessidade. Por isso, a repetição e compulsão, visto que a cena ou montagem do fetichista impossibilita o sujeito de colocá-lo a par da realidade de castração. Podemos observar a repetição e compulsão nos cronogramas das atividades que eram seguidos no castelo, tendo um tópico no livro somente para tratar deles, "regulamentos": "Levantaremos todos os dias às dez da manhã. Nesta hora, os quatro fodehores que não estiveram de serviço durante a noite irão visitar os amigos. (...) Às onze da manhã, os amigos irão até o aposento" (Sade, 2008, p.54).

Sobre essas práticas, podemos pensá-las e aproximá-las da fetichização da existência humana proposta por Roudinesco (2008). Segundo a autora, os humanos são reduzidos a coisas e não existe uma preocupação com um ser único e sua subjetividade, o que é possível observar no modo de produção capitalista e em algumas ciências atuais que enquadram a subjetividade em um coletivo e a generalizam. E como não pensarmos esta fetichização dos corpos neste contexto? Será que somente aquilo que extrapola as normas, como a literatura sadiana, nos faz refletir sobre essas questões tão próximas?⁴

São questões realmente complexas, mas, ainda assim, segundo nosso entendimento, merecem ao menos por ora serem registradas. Enfim, todos os questionamentos levantados nesta discussão são complexos e estão relacionados. Percebemos isto pelas ligações entre os episódios no decorrer da análise, quando pensamos os traços fetichistas – ao mesmo tempo podemos aproximar características da relação entre escopofilia/exibicionismo

ou sadomasoquista. Em suma, tentamos discutir, a partir de alguns dos episódios sadianos, a teoria da perversão freudiana e diminuir a distância dessas manifestações do ser humano.

Palavras finais

Acreditamos que questionamentos são mais importante quando tratamos de uma temática polêmica, por isso este artigo não abordou respostas definidas, mas, sim, tentou criar condições para que os leitores pudessem refletir sobre a temática.

Dessa maneira, podemos dizer que esta longa e complexa trajetória, que é a discussão sobre a perversão, a teoria da perversão freudiana e de autores contemporâneos, e ainda, o contato com narrativas que podem para muitos leitores ser consideradas impuras, repugnantes ou desprezíveis, proporcionou-nos a oportunidade de refletir sobre a perversão, sobre quem realmente são os perversos, se existem barreiras entre o perverso e o sujeito dito normal. Além disso, proporcionou-nos a possibilidade de conjecturarmos sobre o reconhecimento em cada um de nós de manifestações sutis daquilo que julgamos perverso.

Seguindo o mesmo raciocínio, pudemos pensar – ainda que não tenhamos abordado de forma explícita no corpo do trabalho a questão da formação profissional – se, como futuros profissionais de saúde psíquica, estamos construindo práticas que contemplam o sujeito ou permanecemos apenas contribuindo com as ciências técnicas que enquadram a pessoa humana.

Acreditamos que a perversão é uma necessidade social, um fenômeno sexual que também tramita pelos aspectos políticos, psíquicos, históricos, entre outros, e que está presente em todas as sociedades humanas. A contradição é que estabelecemos barreiras quando também somos o dito patológico e anormal. Assim, enquanto este enquadramento se sustentar, a perversão assegurará à espécie humana a existência da norma, principalmente, da moral heterossexual, e de seus prazeres e transgressões.

Referências

- Bercht, G. (2009). *120 Dias de Sodoma: a tradição pornográfica, a escrita e a violência das palavras*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

⁴ Estas são mais algumas questões que não serão respondidas neste trabalho, pois não integram nosso objetivo no momento. No entanto, achamos de extrema relevância colocar essas questões para refletirmos quem são os sujeitos perversos da atualidade e se estão tão distantes da nossa realidade, principalmente, quando discutimos o modo de produção em que estamos inseridos.

- Ferraz, F. C. (2000). *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1996). Sonhos Típicos. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4, pp. 269-302). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1900).
- Freud, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1905).
- Freud, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 187-189). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Freud, S. Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 251-274). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1923)
- Freud, S. Fetichismo. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 151-160). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra originalmente publicada em 1927).
- Marques, M. (2011). A perversão nossa de cada dia. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Recuperado em 01 nov. 2012, de http://www.rbp.org.br/vol41_2.asp#cimaNeto, F. K., & Moreira, J. O. (Org.). (2010). *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena, MG: Editora UEMG.
- Pereira, R. P (2010). Marquês de Sade: sua obra no contexto do século XVIII francês. *Klepsidra*. Recuperado em 01 set. 2012, de <http://www.klepsidra.net/klepsidra8/sade.html> Pires, A. L. S., & Bicalho, C. F. S (2011). Perversão – estrutura ou montagem? *Círculo Brasileiro de Psicanálise*. Recuperado em 17 mai. 2012, de <http://www.cbp.org.br/artigo17.htm> Rou-dinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sade, M. de (2008). *Os 120 dias de sodoma ou a escola da libertinagem*. São Paulo: Iluminuras.
- Sampaio, C. P. (2006). Algumas ideias sobre pesquisa em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 243- 255.
- Sadismo: o Marquês de Sade e a Psicanálise*. (2011). Recuperado em 20 out. 2012, de http://www.residencial.com.br/saudenanet/art_sadismo.htm.
- Silva, E. L. (Org.). (1993). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus.
- Sófocles (2003). *Édipo Rei – Antígona*. São Paulo: Martin Claret.